

● RESENHAS

LÚCIO CARDOSO E
JULIEN GREEN.
TRANSGRESSÃO E CULPA,
DE TERESA DE ALMEIDA

Gloria Carneiro do Amaral*

Há uns bons anos, debutando como arguidora em bancas de doutorado, li pela primeira vez esse estudo de Teresa de Almeida. A alusão ao tempo transcorrido se faz necessária porque o trabalho traz a marca do momento em que foi escrito. Que nisso não se leia uma observação negativa; muitíssimo pelo contrário: o trabalho é excelente e esta leitura só fez confirmar a primeira impressão.

Trata-se de um estudo comparativo entre romances de Lúcio Cardoso e de Julien Green, cuja estrutura é clássica: inserção dos dois autores em suas respectivas histórias literárias e análise dos romances que apresentam traços comuns.

* Professora do Programa de Pós-Graduação em Letras e do Curso de Letras do Centro de Comunicação e Letras da Universidade Presbiteriana Mackenzie (UPM).

O ponto de partida são aproximações do escritor brasileiro, o “nosso Julien Green”, segundo Tristão de Athayde, com o romancista francês, como a de Agripino Grieco: “No sr. Lúcio Cardoso algo existe do visionarismo apocalíptico de um Julien Green”.

Tais observações serviram de parâmetro, sem se tornarem balizas limitantes. A prefaciadora, M. Cecília Moraes Pinto, já ressalta que o trabalho não se norteia pelas noções de “fontes e influências” e não estabelece relações de dependência entre os escritores analisados. Teresa levanta inclusive um aspecto corrente em trabalhos desse tipo, em que, muitas vezes, se aponta a comparação, sem que se detenha no exame minucioso dos aspectos que aproximam ou afastam os autores. Como por ocasião da publicação de *Épaves*, de Green, que a crítica de forma insistente – e um pouco diminuidora – aproxima de Dostoiévski, por meio de pinceladas superficiais: o romance seria “um pastiche extraordinariamente artificial de Dostoiévski”, as personagens, “fantoques do universo de Dostoiévski”. Um parêntese aponta a incompletude dessa comparação: “(Mas, precisamente, de quais romances aproxima-se *Épaves*, segundo tais críticas?)” (ALMEIDA, 2009, p. 142). Parece-me, às vezes, que diante de traços comuns evidentes, comparar um escritor a outro já consagrado ou estrangeiro pode, eventualmente, ser uma saída crítica cômoda.

Mas não é o que faz Teresa de Almeida, que, a partir da comparação entre os romancistas brasileiro e francês, constrói uma leitura minuciosa de seus romances, ampliada para outros escritores brasileiros como Cornélio Penna, Octávio de Faria, José Geraldo Vieira, Cyro dos Anjos, voltados todos para uma literatura intimista, a contracorrente da voga regionalista contemporânea, o que acaba por delinear uma espécie de micro-história dessa nossa literatura. No plano internacional, o estudo carrega escritores da mesma família como Dostoiévski, Emily Brontë, Edgar Allan Poe, François Mauriac, abrindo um leque de amplo interesse e que aguça a curiosidade do leitor em relação a esses romancistas.

A perspectiva grande angular não tolhe a visão específica do romance de Lúcio Cardoso, que permite apontar aspectos fundamentais, como uma visibilidade forte que se abre para o pictórico e para o cinematográfico, e também aspectos negativos, como os estereótipos e a banalidade em alguns momentos da primeira produção. A análise chega inclusive a momentos que se aproximam da boa crítica estilística pela intimidade com o texto:

No texto de Lúcio há os verbos fluir e refluir (que lembram certamente a importância do elemento aquoso em sua obra) e no de Green os termos flux e reflux sugerindo vagas preenchendo a protagonista de um sentimento profundo de desconforto e de culpabilidade: “Havia nela uma espécie de fluxo e refluxo da lembrança que a preenchia de angústia” (ALMEIDA, 2009, p. 151).

E as referências ao elemento água, centralizada em mais de um item (“Rios que seduzem”, “Águas endemoniadas”), bem como à noite e ao vento, revelam uma leitura bachelardiana.

Cabe aqui a pergunta tão ao gosto atual: qual é filiação teórica do trabalho?

Na bibliografia, encontramos Bakhtin, Barthes, Bachelard, Rifaterre. Mas encontramos também vários filósofos, estudos críticos e – sobretudo – romancistas. Essa gama variada de leituras, mais do que sugerir esquemas, nutre a reflexão crítica, guiando-a para seus próprios caminhos, fazendo com que o tom seja

uno e particular ao longo do trabalho e colocando em evidência um efetivo interesse intelectual de pesquisa. Tudo isso revela, é claro, a solidez de uma pesquisa amadurecida ao longo do tempo e que não recua diante dos desvios, por vezes longos, os quais certamente retardam o ponto final porque, por sua vez, aprofundam a visão e propiciam novas ligações.

Finalmente, não posso deixar de registrar como a perspicácia da análise se expressa por meio de um discurso crítico de ótima qualidade escritural que, por momentos, impregna-se da linguagem do objeto estudado, traduzindo a paixão da escolha. Alguns títulos de itens ilustram bem esse aspecto: “o estranho esplendor do crime”; “palavras que estrangulam”; “rios que seduzem”; ou a frase final da introdução: “No mundo sombrio, despojado de saídas, em que se ambientam essas narrativas, só restam às personagens os caminhos da loucura, do suicídio ou do crime”.

Se procurei desvendar esmiuçadamente o caminho crítico de Teresa de Almeida, é porque acho esse trabalho modelar na sua argúcia e seriedade, sem a marca da precipitação que às vezes marca trabalhos contemporâneos e que permite uma efetiva aprofundamento da pesquisa. Que meus leitores perdoem meu entusiasmo, mas sempre me tocam a literatura e a crítica que se ocupam de questões essenciais do ser humano.

ALMEIDA, Teresa de.
Lúcio Cardoso e Julien Green.
Transgressão e culpa.
São Paulo: Edusp, 2009. 240 p.

111